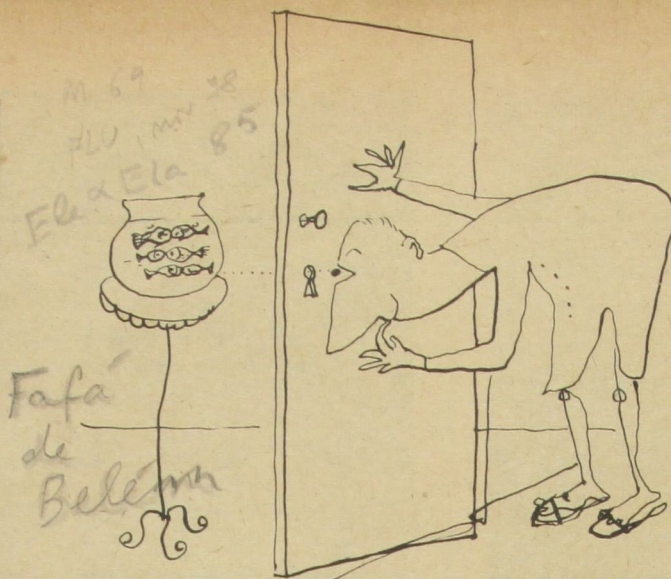


CONVERSINHA ENJOADA

- O senhor acha que o verdadeiro amor existe?
- Acho.
- O senhor acredita no amor à primeira vista?
- Acredito.
- O senhor já ouviu Bidu Saião cantar?
- Já.
- É formidável, não é?
- É.
- O senhor é muito triste.
- Eu?
- Melancólico, parece poeta...
- Quem?
- O senhor...
- Acha?
- O senhor é poeta?
- Sou.
- O senhor pôde me mostrar algum soneto seu?
- Posso.
- O senhor tem algum aí?
- Não.
- Que pena, não é?
- É.
- O senhor já esteve em Niterói?
- Já.
- Morava ali perto da Escola Normal?
- Não.
- Mas o senhor morou em Niterói?
- Morei.
- Onde é que o senhor morava?
- Lá.
- Lá, onde?
- Em Niterói.
- Mas em que rua o senhor morava?
- Rua?
- É, em que rua o senhor morava?
- Nenhuma.
- Então, onde é que o senhor morava?
- Em casa.
- Mas em que rua era a sua casa?
- Nenhuma.
- Então o senhor morava em uma chacara, no subúrbio?
- Não.
- Era no centro?
- Era.
- Mas em que rua então?
- Rua?
- Em que rua o senhor morava?
- O senhor não morava em nenhuma rua? A sua casa não ficava em nenhuma rua?
- Não.
- Então onde ficava a sua casa?
- Na praça.
- Na praça Martim Afonso?
- Quem?
- O senhor não gosta de conversar?
- Gosto.
- Não parece.
- Não.
- O senhor é esquisito mesmo.
- O senhor vai sempre ao cinema?
- Vou.
- Gosta muito, não é?
- Não.
- Mas o senhor não gosta e vai sempre?
- É.
- Qual a mulher que o senhor mais amou em sua vida?
- Mamãe.

(Esta conversinha se passou entre o sr. Alvaro Moreyra e uma senhora professora muito preparada).

R. B.



INDISCRICÕES

A POESIA É NECESSÁRIA

Quando a luz se estender...

Mário Quintana

*Quando a luz estender a roupa nos telhados
E fôr o horizonte um frêmito de palmas
E junto ao leito fundo nossas duas almas
Chamarem nossos corpos nus, entrelaçados,*

*Seremos, na manhã, duas máscaras calmas
E felizes, de grandes olhos claros e rasgados...
Depois, voltando ao sol as nossas quatro palmas,
Encheremos o céu de vôos encantados!...*

*E as rosas da Cidade inda serão mais rosas,
Serão todos felizes, sem saber por quê...
Até os cegos, os entrevadinhos... E*

*Vestidos, contra o azul, de tons vibrantes e violentos,
Nós improvisaremos danças espantosas
Sôbre os telhados altos, entre o fumo e os cataventos!*

Este soneto é do livro "A rua dos cataventos", de Mário Quintana, que tem mais três livros de versos — "Canções", "O espelho mágico", "O aprendiz de feiticeiro" — e um de poemas em prosa, "Sapato florido".

Nascido em Alegrete, Rio Grande do Sul, Mário Quintana ficou até hoje em sua província, e não formou, no resto do Brasil, o renome que devia ter pelas raras qualidades de sua poesia. Sua idade deve andar pelos 50; o poeta faz muitas traduções para a Livraria do Globo.

VEM ESCRITO NOS LIVROS

A baiana de Manet

Do livro "Manet no Brasil", de Antônio Bento, editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde:

"Na versão definitiva do quadro "Olympia", a preta foi modificada pelo artista. Isso decorreu evidentemente de exigências de ordem pictórica, a fim de que as cores da indumentária melhor se ajustassem ao equilíbrio tonal do conjunto. Apesar disso, a crioula ainda guarda um caráter brasileiro ostensivo, assemelhando-se à preta-mina quituteira do Rio antigo. Quanto à "Négresse", não há dúvida que se trata de uma baiana perfeita..."

Do mesmo livro, trecho de uma carta de Manet à sua mãe, escrita no Rio em fevereiro de 1949:

"Quanto às brasileiras, são geralmente lindas; têm olhos e cabelos magnificamente negros. Estão tôdas penteadas à moda chinesa e andam nas ruas sem chapéu".

O compadre de Lampião

De "Lampião", drama em 4 atos de Rachel de Queiroz. edição José Olímpio, 1953:

"Sabino — Eu não quis agravar ninguém, capitão!"

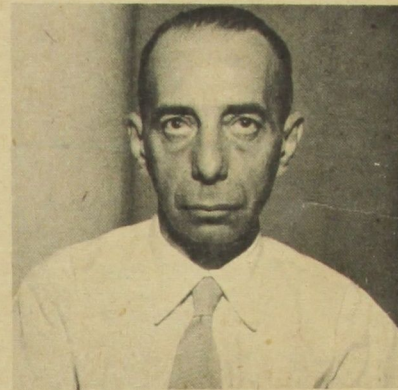
Lampião — Seja como for, você está ficando muito inchado para as suas apragatas, compadre. Outro dia me chamou de esmorecido. Não negue, teve quem me contasse... E está sempre metendo idéia ruim na cabeça desse cabrito atrevido, desse Ezequiel... Dêle eu posso aguentar, porque é meu sangue... Mas o seu sangue, compadre, a côr dêle eu não conheço... e tenho para mim, de uns dias para cá, que êle me fede mais do que me cheira...

Sabino — Tudo isso é falso, capitão, o senhor sabe!"

DUAS PÁGINAS DE

Rubem Braga

GENTE DA CIDADE



Rodrigo M. F. de Andrade

Cada um de nós — disse alguém — tem seu quarto de hora Melo Franco na vida. Rodrigo tem mais: sua mãe é irmã de Afrânio de Melo Franco, com quem ela muito se parece. Pai e família paterna de Ouro Preto, bisavô Rodrigo José Ferreira Brêtas, biógrafo do Aleijadinho. Entre Paracatu e Ouro Preto, resolveu nascer, por equidade, em Belo Horizonte, que nesse tempo (1898) tinha apenas um ano de idade.

Dos 12 aos 13 anos estudou em um liceu de Paris, onde conheceu o arquiteto, pintor e escritor paulista Flávio de Carvalho. Formou-se em Direito estudando em quatro faculdades, sendo colega de turma no Rio de Hugo Carvalho Ramos e Pedro Batista Martins, em S. Paulo de Ribeiro Couto e Oswald de Andrade. Bancario a princípio, depois jornalista foi dos melhores críticos do movimento moderno, fez a campanha liberal em "O Jornal", que dirigiu de 1927 a 1930. Advogou com o tio Afrânio (de quem foi secretário particular em seu período de maior atividade) e com Prudente de Moraes Neto. Publicou um só poema ("Ode Pessimista") esteve no Chile e nos Estados Unidos, e sua maior proeza foi uma viagem a cavalo Paracatu-Pirapora-Paracatu (140 leguas), casou-se com moça de Montes Claros, tem um filho bacharel e noivo, outro que estuda física, e mocinha no segundo científico. Foi secretário da Inspeção de Obras contra a Sêca e desde 1936 se devota (não há outra expressão) ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde esse burocrata exemplar manda (pedindo) em outros tais, como Carlos Drummond de Andrade e Lúcio Costa. Um livro sobre Gastão da Cunha, outro sobre seu Serviço (publicado agora no México, em português), organizou em 1928 o excelente número especial de "O Jornal" sobre Minas e o livro de "Homenagem a Manuel Bandeira", que lhe fez esta quadra subscrita por todos que lidam com êle: "Como melhor definir — esta palavra amizada? Nomeando o amigo exemplar — Rodrigo M. F. de Andrade". Um excelente livro de contos, "Velórios", que êle esconde (a edição é muito feia e a literatura pode comprometê-lo no Serviço) toma 3 a 4 uísque sábado à tarde no "Bon Marché" de Copacabana e 5 a 6 chopes domingo de manhã. Lidando muito com igrejas velhas, tem muito amigo padre, mas não vai à missa, mora em Ipanema, passa as férias em Ouro Preto. Sabe coisas, muitas coisas, escreve infalivelmente bem e fala como escreve. Sua mãe, como sempre, ficará triste com a publicação de seu retrato, pois acha que os fotografos não compreendem a beleza desse menino.

SARA

Conto de RUBENS BORBA DE
MORAIS publicado na revista
"Klaxon", de Mário de Andrade,
em 1922.

I

Entrou. Sentou-se a um canto. Ninguém lhe pôs reparo.

Mas o mestre, que limpava modelos velhos, descobriu-a e perguntou-lhe:

— Que vieste fazer aqui?

Respondeu:

— Vim desenhar.

E êle compreendeu que ela não era como os outros e indagou o que preferia desenhar.

— Um torso.

Deram-lhe um pedaço de papel. Mas pediu uma folha muito grande. Não havia folha bastante grande. Então uniram várias sôbre uma prancha; e ela começou a desenhar um torso. Mas o torso era tão grande que não cabia no papel. Pouco importava, porque era belo.

E o mestre perguntou:

— Onde aprendeste anatomia?

— Que é anatomia?

— O estudo dos músculos, disseram-lhe.

Compreendeu e lembrou:

— Ora! Vi tantas vêzes as galinhas que corriam quando lhes levava milho; e meus músculos também, ao me banhar no rio...

E todos a amaram e lhe disseram que voltasse a desenhar.

Respondeu que não tinha dinheiro. Mas o mestre acariciou-lhe os cabelos e disse:

Aqui não se paga.

II

Voltou todos os dias. Sentada a um canto desenhava torsos, mas belos e puros.

Uma vez chegou ao mestre e disse:

— Me corta os cabelos.

Ele, sorrindo:

— Nunca fiz isso, mas vou tentar.

E com uma enorme tezoura enferrujada cortou-lhe os longos cabelos negros, que tombavam mortos em torno dela.

Quando acabou, ela disse:

— Sinto-me bem. Obrigada.

E partiu, feliz, a nuca fresca.

III

Chegou-se para nós e falou:
— Não posso voltar mais. Estou sem sapatos.

Mas um dos rapazes lembrou:

— Tenho três irmãos menores. As botinas do mais velho talvez te sirvam. Trarei um par usado.

IV

Trouxe-lho. E ela continuou a vir diàriamente, com os cabelos cortados e botinas de menino.

Fiz anos. Todos no meu quarto. Ela entrou e entregou-me uma reprodução de Gauguin, dizendo:

— Dou-te isto.

Beijei-a; depois perguntei onde achará dinheiro para comprar o presente.

— Posei cinco dias — murmurou.

Quando voltei para São Paulo não chorou. Mas, ao beijar-me, seus lábios tremiam.

V

Escreveu-me. Sôbre a página branca havia:

"Tenho duas cerejas, uma para mim

VI

outra guardo-a para ti".
Só. Para que mais?

Um dia, no atelier, recordavam-se de mim. E ela disse:

— Quero ir vê-lo no Brasil.

Mas o mestre contou-lhe que era muito longe o Brasil. Tão longe que não sabia calcular quanto tempo gastava para ir lá. Então um rapaz muito pálido e magro falou:

— Sei somar; e vou fazer a conta. Sentaram-se todós em roda.

Puseram diante dêle uma folha de papel.

E o rapaz muito pálido e magro somou dia por dia quanto tempo ela precisava para vir ao Brasil. Quando a soma estava pronta uma aluna que tinha nariz de trombeta aconselhou:

— Ponha dois dias para as dôres de cabeça.

E o rapaz muito pálido e magro

ajuntou mais dois dias para as dores de cabeça e anunciou que era preciso caminhar dois anos e dois dias para vir ao Brasil.

Mandaram-me o resultado da soma. Não mandaram todo o cálculo, porque era muito grande.

VII

Espero-a. Sei que virá.

VIII

Sára!...

Nota: Transcrevemos êste conto-poema da "Revista Acadêmica", onde foi republicado em 1938. Depois de dirigir a Biblioteca Municipal de S. Paulo e a Biblioteca Nacional, Rubens Borba de Moraes é hoje alto funcionário internacional da O.N.U. e reside em Paris. Dêle não foram divulgados outros trabalhos literários.

